

**FROM MIMETIC TRANSLATION TO ARTISTIC TRANSDUCTION: A
SEMIOTIC PERSPECTIVE ON VIRGINIA WOOLF, HECTOR BERLIOZ, AND
BERTOLT BRECHT**

DA TRADUÇÃO MIMÉTICA À TRANSDUÇÃO ARTÍSTICA: UMA PERSPECTIVA
SEMIÓTICA SOBRE VIRGINIA WOOLF, HECTOR BERLIOZ E BERTOLT
BRECHT

Tiago Marques Luiz¹

Universidade Federal da Grande Dourados

Orlando José Bastidas Betancourt²

Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo: O livro *From Mimetic Translation to Artistic Transduction*, de Dinda L. Gorfée, propõe uma ampliação do conceito de tradução ao deslocá-lo do âmbito estritamente interlinguístico para uma perspectiva semiótica e interartística. Ancorada sobretudo em Charles S. Peirce, Roman Jakobson e Thomas A. Sebeok, a autora formula a noção de transdução como processo de transformação de uma forma de linguagem ou energia signíca em outra, abrangendo relações entre literatura, música e teatro. A obra desenvolve essa proposta por meio da análise de três casos centrais: *The Waves*, de Virginia Woolf, a obra operística de Hector Berlioz e *The Threepenny Opera*, de Bertolt Brecht. Ao longo do estudo, Gorfée sustenta que traduzir artisticamente não implica apenas transferir conteúdos, mas reorganizar formas, ritmos, valores estéticos e modos de percepção. Nesse sentido, o livro oferece contribuição significativa aos Estudos da Tradução, à semiótica e aos estudos interartes, ao defender uma compreensão mais ampla, dinâmica e interdisciplinar da tradução. Para o campo de Letras, a obra se mostra particularmente relevante por fornecer instrumentos teóricos para pensar a circulação dos textos entre diferentes linguagens, materialidades e sistemas culturais.

Palavras-chave: Dinda L Gorfée, Tradução intersemiótica Semiótica, Semiótica.

Abstract: Dinda L. Gorfée's book, *From Mimetic Translation to Artistic Transduction*, proposes a broadening of the concept of translation by shifting it from a strictly interlinguistic realm to a semiotic and interartistic perspective. Anchored primarily in the

¹ Possui graduação em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal da Grande Dourados (2009), especialização em Tradução de Inglês pela Universidade Gama Filho (2011), especialização em Semiótica e Análise do Discurso pelas Faculdades Metropolitanas do Estado de São Paulo (2023), Mestrado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2013) e Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (2019). Atualmente é professor adjunto A-1 na Universidade Federal da Grande Dourados.

² Graduado em Educação (Geografia e Ciências da Terra) pela Universidade dos Andes - Venezuela (2012). Possui Mestrado em Desenvolvimento Regional - Universidade dos Andes - Venezuela (2016), Mestrado em Educação Ambiental pela Universidade Yacambu- Venezuela (2018) e Doutorado em Recursos Naturais pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2022). Atualmente é graduando em Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados.

works of Charles S. Peirce, Roman Jakobson, and Thomas A. Sebeok, the author formulates the notion of transduction as a process of transforming one form of language or sign energy into another, encompassing relationships between literature, music, and theatre. The work develops this proposal through the analysis of three central cases: Virginia Woolf's **The Waves**, Hector Berlioz's operatic work, and Bertolt Brecht's *The Threepenny Opera*. Throughout the study, Gorlée argues that artistic translation implies not only transferring content but also reorganizing forms, rhythms, aesthetic values, and modes of perception. In this sense, the book offers a significant contribution to Translation Studies, semiotics, and interart studies by advocating a broader, more dynamic, and interdisciplinary understanding of translation. For the field of Literature, the work proves particularly relevant by providing theoretical tools for thinking about the circulation of texts between different languages, materialities, and cultural systems.

Keywords: Dinda L Gorlée, Intersemiotic translation, Semiotic.

Submetido em 21 de abril de 2026.

Aprovado em 18 de maio de 2026.

Em *From Mimetic Translation to Artistic Transduction*, Dinda L. Gorlée propõe uma inflexão teórica ampla e ambiciosa no campo dos Estudos da Tradução ao defender que a tradução, especialmente em sua dimensão estética, não deve ser compreendida apenas como transferência entre línguas, mas como transformação entre diferentes sistemas de significação. Logo na abertura do livro, a autora afirma que a transdução “vai além da tradução³”, pois “ela ultrapassa a transferência de uma língua para outra para significar tentativas especulativas de examinar e executar as crenças, conceitos e significados das diferentes artes”. (GORLÉE, 2023, p. 1⁴). Essa formulação inicial é decisiva, porque não apenas apresenta o conceito central da obra, mas também anuncia seu movimento de expansão epistemológica: a tradução deixa de ser vista como atividade exclusivamente verbal e passa a ser tratada como processo de reconfiguração semiótica e artística.

A estrutura do volume é coerente com esse projeto. Após um primeiro capítulo teórico, intitulado “Forked Tongues: Theory from Translation to Transduction”, o livro se desenvolve em três estudos de caso, dedicados a Virginia Woolf, Hector Berlioz e Bertolt Brecht. A escolha dessas três figuras não é casual. Cada uma delas serve à autora para demonstrar uma modalidade específica da passagem da tradução à transdução: no caso de Woolf, prevalece uma dinâmica elíptica; em Berlioz, uma curvatura parabólica; em

³ “is beyond translation”

⁴ “it moves beyond the transferal of one language to another to signify speculative attempts at examining and executing the belief, concepts and meaning of the different arts”)

Brecht, uma intensificação hiperbólica. Assim, a obra articula teoria e análise de maneira contínua, ainda que por vezes a escrita adote um nível de abstração bastante elevado.

No plano conceitual, o livro dialoga intensamente com Charles Sanders Peirce, Roman Jakobson e Thomas A. Sebeok. Gorlée parte da noção de que a tradução, em vez de ser entendida como simples equivalência, deve ser compreendida como processo semiótico de transformação. Nessa perspectiva, os interpretantes peirceanos ajudam a pensar o signo traduzido não como unidade fixa e estática, mas como configuração aberta, reativa e dinâmica. A autora sustenta, por isso, que “a transdução pode ser retrabalhada a partir da linguística para abarcar os processos contínuos realizados pelo público, enquanto usuários de sinais, para interpretar e transformar uma forma de energia em outra” (GORLÉE, 2023, p. 2⁵). Com isso, o livro desloca a tradução do paradigma estritamente linguístico para uma zona mais ampla, na qual linguagem, percepção, recepção, arte e cultura se entrelaçam.

A influência de Sebeok é particularmente importante nesse argumento. Gorlée recupera a noção de transdução como transformação de uma forma de energia em outra e a reinscreve em chave semiótica e estética. Em consequência, a autora pode afirmar que a transdução “expande a linguagem informacional (ou seja, altamente significativa) em um inventário dos dialetos literários, idiomas e jargões de outras artes belas e aplicadas (GORLÉE, 2023, p. 1⁶). Trata-se de uma formulação central para o livro, pois é ela que legitima a passagem da tradução interlinguística para a análise das relações entre literatura, música, teatro, performance e outras formas expressivas. Ao mesmo tempo, essa abertura teórica, embora fecunda, é também uma das razões pelas quais o livro pode parecer, em certos momentos, excessivamente metafórico ou até mesmo metodologicamente difuso.

Essa característica se torna ainda mais visível quando Gorlée mobiliza metáforas geométricas e energéticas para explicar sua proposta. Em vez de definir a transdução por meio de categorias mais estáveis e descritivas, ela recorre a imagens como eclipse, parábola e hipérbole, além de analogias elétricas, acústicas e termodinâmicas. O efeito é duplo. Por um lado, a autora consegue produzir uma linguagem teórica singular, capaz de representar a instabilidade, a mobilidade e a intensidade dos processos de recriação

⁵ “The transduction can be reworked from linguistics into encoding the continuous processes engaged in by the audience as sign users to interpret and transform one form of energy into another”

⁶ “expands informational (that is, highly meaningful) language into an inventory of the literary dialects, idioms and jargons of other fine and applied arts”.

artística. Por outro, essa mesma escolha pode dificultar a leitura, sobretudo para quem espera uma exposição mais linear. O livro, nesse sentido, aproxima-se mais do ensaio teórico de alta densidade do que de uma sistematização didática.

O capítulo dedicado a Virginia Woolf é um dos mais instigantes da obra. Gorlée propõe ler *The Waves* não como simples influência de Wagner, mas como forma de transdução literária de estruturas musicais e ideológicas. Em uma das passagens mais expressivas, a autora afirma que “Woolf distanciou-se de Wagner para mergulhar em seu próprio discurso cosmológico de transdução” (GORLÉE, 2023, p. 77⁷). A citação é particularmente reveladora, porque mostra que a relação entre Woolf e Wagner não é de adesão nem de mera imitação. O que há, segundo Gorlée, é um processo de reapropriação crítica, no qual elementos musicais, rítmicos e estruturais são absorvidos e retrabalhados em outro sistema estético.

A leitura proposta para Woolf é convincente justamente porque evita o vocabulário simplificador da “influência” e prefere falar em transformação. Gorlée argumenta que Woolf se afasta do musicocentrismo wagneriano para construir um logocentrismo próprio, em que a prosa assume densidade sonora, rítmica e imagética. Em outras palavras, Woolf não traduz Wagner; ela reinscreve certos impulsos musicais em um novo regime de linguagem, marcado pelo modernismo, pela experimentação formal e pela crítica ao imaginário ideológico associado à tradição wagneriana. O livro mostra ainda que esse afastamento de Wagner não é apenas estético, mas também político. Em vários momentos, Gorlée associa a reconfiguração woolfiana a um gesto de resistência crítica, especialmente diante do peso simbólico e ideológico da cultura alemã do período.

Esse ponto é importante porque permite perceber que, em Gorlée, a transdução não é um fenômeno puramente formal. Ela também pode ser entendida como resposta histórica e ideológica. Ao transformar os *leitmotifs* e a musicalidade wagneriana em prosa modernista, Woolf produz uma operação estética, mas também uma reorientação de valores. Assim, o capítulo dedicado à autora inglesa se destaca por mostrar que o trânsito entre artes pode envolver não apenas reconfiguração da forma, mas também deslocamento de posição crítica.

No capítulo sobre Hector Berlioz, a ênfase recai sobre a ópera *Les Troyens* e sobre o esforço de converter a *Eneida* de Virgílio em drama lírico francês. Aqui, Gorlée examina as tensões entre texto, música e cena, observando que a recriação de Berlioz é ao mesmo

⁷ “Woolf distanced herself from Wagner to delve into her own cosmological discourse of transduction”)

tempo grandiosa e desigual. O compositor é apresentado como alguém que consegue mobilizar com força a dimensão musical da obra, mas encontra mais dificuldades na construção verbal do libreto. Em uma passagem particularmente forte, a autora afirma que Berlioz “escreveu uma ópera imperfeita: grandiosa na música, mas defeituosa na poesia lírica” (GORLÉE, 2023, p. 172⁸). Trata-se de um juízo contundente, mas relevante, porque revela que a noção de transdução não é usada por Gorlée como elogio automático: o conceito serve também para medir desequilíbrios, perdas e tensões entre sistemas artísticos.

Ao longo do capítulo, essa assimetria é desenvolvida com insistência. Gorlée sustenta que Berlioz foi mais “musicocentrista” do que “logocentrista”, isto é, privilegiou a potência melódica e orquestral em detrimento da invenção poética do libreto. Nesse sentido, a operação de transdução realizada por Berlioz não se resolve harmonicamente: a passagem de Virgílio para a ópera produz ganhos evidentes no plano musical, mas não alcança a mesma força no plano verbal. Essa leitura é significativa para os Estudos da Tradução porque mostra que o trânsito entre linguagens não deve ser romantizado. Traduzir artisticamente não significa necessariamente equilibrar todos os componentes da obra; significa, muitas vezes, hierarquizá-los e aceitar que a recriação será marcada por ênfases e carências.

Além disso, o caso de Berlioz permite a Gorlée explorar uma questão central para os estudos intersemióticos: a dificuldade de transpor forma, ritmo e densidade poética de um épico para outro meio artístico. A autora mostra que, ao transformar a poesia épica em ópera, Berlioz precisou condensar, adaptar, reorganizar e submeter a palavra à exigência melódica. O resultado, segundo sua avaliação, é artisticamente importante, mas não plenamente equilibrado. A análise pode parecer dura, porém cumpre uma função crítica importante: a de mostrar que a transdução não elimina o problema da inadequação, apenas o reinscreve em outro plano.

O capítulo final, dedicado a Bertolt Brecht, talvez seja o mais forte do livro em termos de articulação entre forma, política e recepção. Gorlée interpreta *The Threepenny Opera* como exemplo de transdução hiperbólica, em que adaptação, retradução, autotradução, canção, crítica social, cabaré e pedagogia teatral se fundem num projeto artístico de alta intensidade. Segundo a autora, Brecht desloca o teatro tradicional em direção a um modelo crítico, no qual a cena deixa de oferecer mera ilusão e passa a

⁸ “Berlioz wrote an imperfect opera: grand in the music, but defective in the lyrical poetry”)

funcionar como dispositivo de aprendizagem e estranhamento. Em um trecho decisivo, Gorlée afirma que “Brecht cruzou o velho com o novo teatro ao levar sua energia elétrica para a novidade política do cabaré ‘épico’, estruturando o drama teatral como um processo de aprendizagem para o público moderno” (GORLÉE, 2023, p. 172⁹).

Essa formulação é particularmente produtiva porque concentra vários aspectos centrais do capítulo: a dimensão histórica da recriação, a reorganização dos códigos teatrais e a preocupação com o espectador. Em Brecht, a transdução não é apenas passagem entre formas artísticas; é também reconfiguração do papel do público. O teatro torna-se experiência crítica, e a linguagem cênica é reprogramada para produzir estranhamento, reflexão e consciência social. Gorlée também chama atenção para a incorporação da linguagem da rua, do submundo e do cabaré, mostrando que Brecht mistura alta cultura e cultura popular para construir uma cena transdutiva, simultaneamente artística e ideológica.

A força do capítulo está justamente em demonstrar que, em Brecht, a transdução atinge um grau máximo de complexidade. Não se trata apenas de adaptar uma peça anterior, mas de refazer seus códigos discursivos, políticos e performáticos para responder a outra conjuntura histórica. Desse modo, o dramaturgo aparece como figura privilegiada para a tese do livro: alguém que transforma tradução em intervenção estética e política, rompendo com os limites do paradigma da equivalência.

Do ponto de vista da contribuição geral, *From Mimetic Translation to Artistic Transduction* é um livro importante por pelo menos três razões. Em primeiro lugar, porque amplia o escopo dos Estudos da Tradução e insiste em que a tradução pode e deve ser pensada também como processo interartes. Em segundo lugar, porque recoloca a semiótica, especialmente a tradição peirceana e sebekiana, no centro do debate tradutológico. Em terceiro lugar, porque oferece leituras ousadas de Woolf, Berlioz e Brecht, mostrando que a recriação artística não se reduz à cópia, à adaptação simplificada ou à equivalência verbal.

Ao mesmo tempo, a obra apresenta limitações. A mais evidente é sua alta densidade teórica, que por vezes torna o texto menos claro do que poderia ser. Em certos momentos, a proliferação de metáforas energéticas, geométricas e semióticas faz com que a argumentação avance mais por associação do que por demonstração sistemática. Além disso, alguns juízos críticos são formulados de maneira bastante categórica, como no caso

⁹ “Brecht cross-related old into new theater by bringing his electric energy into the political novelty of the ‘epic’ cabaret, structuring the drama of theater into a learning process for the modern audience”)

de Berlioz, o que pode gerar resistência em leitores que prefiram análises mais equilibradas. Ainda assim, esses traços não reduzem a relevância do livro; antes, indicam que se trata de uma obra ensaística, autoral e intelectualmente arriscada.

Por fim, *From Mimetic Translation to Artistic Transduction* constitui uma contribuição relevante para os Estudos da Tradução, a semiótica e os estudos interartes. Seu principal mérito está em ampliar o conceito de tradução, propondo a transdução como categoria apta a compreender transformações complexas entre literatura, música e teatro. Gorlée evidencia que traduzir artisticamente implica reorganizar formas, ritmos, valores e modos de percepção. Assim, a obra se destaca por estimular uma compreensão da tradução como prática de mediação, invenção e reinvenção estética, sendo especialmente significativa para pesquisadores e estudantes de Letras interessados em tradução intersemiótica, literatura comparada, semiótica e teoria da arte.

Referências

GORLÉE, D. L. *From Mimetic Translation to Artistic Transduction: a semiotic perspective on Virginia Woolf, Hector Berlioz, and Bertolt Brecht*. London; New York: Anthem Press, 2023.